

MICHEL FOUCAULT: CAMINHOS ABERTOS À REFLEXÃO GEOGRÁFICA

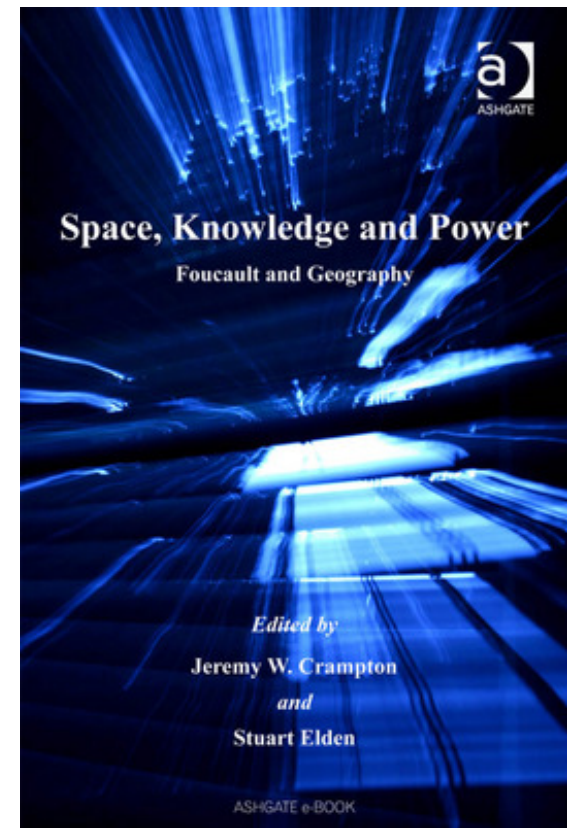
MICHEL FOUCAULT: NA OPPORTUNITY FOR A GEOGRAPHICAL REFLECTION

CRAMPTON, J. ; ELDEN, S. *Space, knowledge and power: Foucault and Geography.*
England: Ashgate. 2007.

Rafael Rossi

Mestrando em Geografia na Faculdade
de Ciências e Tecnologia da UNESP
e-mail: rafaelrossi6789@hotmail.com

Palavras-chave: Espaço, Geografia, Filosofia
Key-words: Space, Geography, Philosophy



Resumo

O livro de autoria de Jeremy Crampton e Stuart Elden tem como premissa as implicações e preocupações de Michel Foucault com a espacialidade. Jeremy Crampton é professor associado da Universidade do Estado da Geórgia com interesse na filosofia do poder, tendo ainda publicados textos sobre a importância da cartografia e seus fins. Stuart Elden, por sua vez, é pesquisador com interesse nas intersecções entre política, filosofia e geografia; em 2011 ganhou o prêmio Royal Geographical Society Murchison Award sendo também professor do Departamento de Geografia da Durham University na Inglaterra. O livro conta com a contribuição de vários pesquisadores como: John A. Agnew, Thomas Flynn, Philipp Howell, David Harvey, Claude Raffestin, Michel Riou entre outros.

Abstract

The book by Jeremy Crampton and Stuart Elden is premised on the implications of Michel Foucault and concerns with spatiality. Jeremy Crampton is an associate professor at Georgia State University with an interest in the philosophy of power, having also published texts on the importance of mapping and its purposes. Stuart Elden, in turn, is a researcher with an interest in the intersections between politics, philosophy and geography, in 2011 won the Royal Geographical Society Murchison Award is also professor in the Department of Geography at Durham University in England. The book has contributions from several researchers such as John A. Agnew, Thomas Flynn, Philipp Howell, David Harvey, Raffestin, Claude Michel Riou among others.

Resumen

El libro de Jeremy Crampton y Stuart Elden se basa en las consecuencias de Michel Foucault y preocupaciones con la espacialidad. Jeremy Crampton es profesor asociado de la Universidad Estatal de Georgia con un interés en la filosofía del poder, después de haber publicado también textos sobre la importancia de la cartografía y sus propósitos. Stuart Elden, a su vez, es un investigador con un interés en las intersecciones entre la política, la filosofía y la geografía, en 2011 ganó el Premio de la Sociedad Geográfica Real de Murchison es también profesor en el Departamento de Geografía de la Universidad de Durham en Inglaterra. El libro cuenta con contribuciones de varios investigadores, como John A. Agnew, Thomas Flynn, Philipp Howell, David Harvey, Raffestin Claude Michel Riou, entre otros.



O livro de autoria de Jeremy Crampton e Stuart Elden tem como premissa as implicações e preocupações de Michel Foucault com a espacialidade. Jeremy Crampton é professor associado da Universidade do Estado da Geórgia com interesse na filosofia do poder, tendo ainda publicado textos sobre a importância da cartografia e seus fins. Stuart Elden, por sua vez, é pesquisador com interesse nas intersecções entre política, filosofia e geografia; em 2011 ganhou o prêmio Royal Geographical Society Murchison Award sendo também professor do Departamento de Geografia da Durham University na Inglaterra. O livro conta com a contribuição de vários pesquisadores como: John A. Agnew, Thomas Flynn, Philipp Howell, David Harvey, Claude Raffestin, Michel Riou entre outros.

Os autores argumentam que desde a arquitetura de hospitais e prisões, à exclusão, distribuição espacial do conhecimento, os espaços das bibliotecas, análises de urbanismo

e saúde urbana e toda uma série de questões geográficas, são fortes e claras as implicações e percepções de Foucault sobre a espacialidade. Os autores propõem no livro questões, desafios, críticas e desenvolvimentos sobre a relação entre a Geografia e Foucault. Sendo defendido também o argumento de que a obra desse importante filósofo ainda necessita de maiores análises, debates e contribuições sejam com relação ao material já publicado ou nas palestras e cursos ainda em processo de tradução.

O livro apresenta pontos interessantes para reflexão no tocante à leitura feita deste filósofo e os conceitos e questões geográficas. Um exemplo disso é a interpretação trazida do conceito de território. Os autores afirmam que para o filósofo o território não é somente a soma da população e coisas, mas sim com a junção do elemento de dinamicidade, taxa de natalidade, mortalidade, etc; avançando numa percepção mais que um mero complexo terri-



torial areal. Assim sendo, a arte de governar se baseia mais na análise e prática geográfica que em outros pontos. A população dessa forma, deve ser levada em consideração, porém não somente na elaboração de estatísticas, mas ainda em uma nova forma de cartografia.

Foucault é destacado no livro por referenciar que a escrita até o século XX obedecia a um formalismo de cronologia. Após Nietzsche e Joyce o espaço começa a aparecer na linguagem, sendo um espaço da liberdade, sem barreiras. Dessa forma o filósofo se mostra como um crítico literário e revisor, que explana sobre os processos de representação do espaço na literatura.

Os autores explicam que embora Foucault seja tido por muitos como um historiador, filósofo, crítico e ativista, ele também é visto em alguns círculos como uma figura política sem vitórias. Não ofereceu, neste caso, contribuições efetivas para tomada de posições; porém Crampton e Elden defendem que Fou-

cault contribui para uma reflexão política importante: a liberdade desejável não virá com a garantia dos direitos, mas sim através de um processo que deve ser constantemente realizado.

A contribuição de Foucault para os geógrafos é tida como as mesmas questões que o espaço coloca. Deve-se avançar na busca pela compreensão do espaço via governabilidade, conhecimento, poder e a guerra em suas múltiplas facetas. Os autores salientam que as contribuições contidas no livro não servem de maneira nenhuma para ampliar o pensamento de Foucault e fechá-lo, mas sim abrir questionamentos, possibilidades e reavaliações. O objetivo expresso por meio dessa obra é contextualizar as reflexões deste filósofo na Geografia e para refletir e explorar as questões de espacialidade.

O livro conta com vários textos com a proposição de debates sobre uma ampla gama de elementos para se pensar nas relações en-



tre conhecimento e poder no espaço, por isso destacamos os principais em nossa leitura, sem desmerecer as outras explicações. Um deles, relevante de se mencionar, é de autoria de Jean-Michel Brabant no capítulo 3 afirmando que a estratégia é um termo amplamente difundido no vocabulário corrente. Implicando em um plano em reação a um inimigo para ocupação e dominação de um espaço, na estratégia se pensa uma organização na dimensão espacial, atrelando-se ao poder para efetivar seus objetivos. O poder então, quando usado para raciocinar e refletir na pequena escala, amplia o conhecimento estratégico. É o que acontece com o Estado em que a guerra ou sua ameaça contribui para garantir sua hegemonia. Neste capítulo também é discutida ciência e suas repercussões na ideologia, sendo que a Geografia é entendida como estando sempre ligada ao poder e implicando em um acúmulo de conhecimentos estratégicos. No entanto com o advento de seu status de ciên-

cia, abandonou esse papel predominantemente estratégico para transmutar-se em arsenal ideológico do poder, sendo que essa passagem tem sido impulsionada pela evolução epistemológica que vem sofrendo, privilegiando assim a ciência dos lugares e não dos homens, recusando o conhecimento dos espaços. Esses conhecimentos dos espaços são entendidos como práticas de poder, não sendo o objetivo maior criticar a Geografia por suas opções epistemológicas, mas antes colocar os geógrafos para eles mesmos em debate científico, sendo necessário decodificar o conhecimento que opera na realidade para podê-lo “agarrar” ao nível da prática.

Outro capítulo que merece destaque tem autoria de Jean-Bernard Racine e Claude Raffestin, em que argumentam que a noção de estratégia não implica necessariamente através do conhecimento na guerra, sendo que a idéia de dominação é mais apropriada para pensar essa ligação. Na Geografia, os conhe-



cimentos científicos produzidos serviram para dominar o espaço econômico, político e geográfico. Os autores fazem interessante síntese do pensamento geográfico, qualificando a teoria do espaço na escala intra-urbana com a idéia de centralidade desenvolvida por vários autores, além de colocá-la em discussão na divisão e fragmentação espacial que atendem os objetivos de dominação. O capítulo é finalizado com relevantes reflexões sobre uma produção democrática do controle do espaço, recuperando argumentos de David Harvey, além de salientar que o conhecimento tradicionalmente utilizado para servir de ferramenta estratégica de dominação também pode se tornar um instrumento de liberdade.

O capítulo 6 escrito por Michel Riou, possui um subitem intitulado: "Geografia: um instrumento de libertação" em que a Geografia é tida como a ciência capaz de entender a crise do imperialismo, do capitalismo e explicar sobre suas estruturas, formas e práticas

materializadas no espaço. O que diferencia a Geografia das outras ciências é a análise espacial que emprega, percebendo as forças que se manifestam e se conflitam. O espaço é o lugar em que vive a história, sendo que a Geografia deve habitá-lo e nascer dele. Dessa forma, os geógrafos devem ser aqueles que despertam a consciência, os educadores aqueles que lutam pela justiça social, não devendo se acomodar e se confinarem nos laboratórios, mas antes se misturarem às massas, não se prenderem à rotina, esclarecendo as populações sobre o espaço, suas tramas e relações.

O capítulo 14 também merece destaque, tendo autoria de Claude Raffestin com o título: "Teria Foucault revolucionado a Geografia?" Para o autor a relevância deste filósofo, dentre outros pontos, se dá a partir do momento em que a Geografia Humana é pensada com relação às suas questões estruturais e como ela amplia e modela o olhar geográfico. Nesse sentido, a obra de Foucault, que ainda necessi-



ta ser mais amplamente debatida e estudada, incorre numa reflexão ontológica do pesquisador em Geografia e seus objetos. Foucault teria revolucionado esta ciência se nós geógrafos soubermos apreendê-lo a fim de nos inserirmos na filosofia das relações entre os homens, de acordo com o parecer de Raffestin que coloca, ao final, questões fundamentais para avançarmos nesse entendimento.

No capítulo 20 intitulado: “Geógrafos e Governabilidade” escrito por Margo Huxley, há a argumentação de que a ênfase na análise espacial da governabilidade está muito mais fundamentada no que diz respeito ao controle e às visualizações de arranjos do espaço, do que à produção dos elementos que conduzem a tais processos, sendo este um caminho para ampliar os estudos de sociologia, ciência política e geografia. A governabilidade é compreendida como uma série de condutas e aspirações a adequar comportamentos, envolvendo diversos conjuntos de práticas, regulamentos,

filosofias, edifícios e autoridades; estando portanto, irremediavelmente ligada ao espaço convidando os geógrafos a estudarem sua racionalidade.

Além dos capítulos apresentados, o livro possui textos de Michel Foucault relacionados à temática central condizente às relações entre conhecimento, poder e espaço. A obra toda é composta por 27 capítulos com contribuições de importantes pesquisadores em geografia e sociologia acerca das questões que nortearam o pensamento de Foucault:

A grande obsessão do século XIX, como sabemos, foi a história: seus temas, desenvolvimento, suspensão, crise, ciclos, o passado e sua preponderância... A época atual será talvez acima de todas as épocas do espaço. Estamos na época da simultaneidade, estamos na época da justaposição, a época do próximo e do distante, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento, eu acredito que, quando a nossa experiência do mundo é menos a de uma longa vida de desenvolvimento através do tempo do que o de uma rede que conecta pontos e se cruza com a sua própria meada. (FOUCAULT, 1986, p. 22 apud CRAMPTON, J e EL-DEN, S. 2007, p.03)



8

O trecho em questão ilustra o objetivo dos autores ao problematizarem o pensamento de Foucault, trabalhando-o para inseri-lo na atualidade do debate sobre a dimensão espacial. Assim sendo, o livro aqui apresentado é um convite à leitura de importantes ícones da geografia internacional com amplas referências ao final de cada capítulo para se aprofundar no tema. A reflexão se faz presente o tempo todo nesta obra como intuito maior de pensar-nos enquanto agentes e pesquisadores em geografia sendo, portanto, também elemento para despertar a ação através da função de educar e esclarecer, não se isolando no trabalho acadêmico individual, mas sim na coletividade pela troca de experiências, aprendizados e saberes.

